

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

**UMA HISTÓRIA ESCRITA PARA O FUTURO: FORMAS DE EVASÃO E  
ORIENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO TEMPO NA REVISTA A  
CINQUENTENÁRIA (ANÁPOLIS-1957)**

**José Fábio da Silva**<sup>32</sup>  
fabiojfs\_@hotmail.com

**RESUMO**

Este trabalho parte de uma análise da revista *A Cinquentenária*, editada na cidade de Anápolis, em 1957, durante as comemorações do aniversário de cinquenta anos do município. Neste contexto, tomando como arcabouço teórico a história dos conceitos – fusão da história das ideias com a filosofia e o pensamento político e social – e as possibilidades abertas pela mesma nos estudos sobre a modernidade, visamos identificar as formas de representação e organização do tempo utilizada na revista. A História dos Conceitos nos permite, assim, lançar luz sobre a experiência da modernidade vivida em ambientes periféricos (modernidade tardia), permitindo compreender significados mais complexos e indefinidos dessa “modernização”.

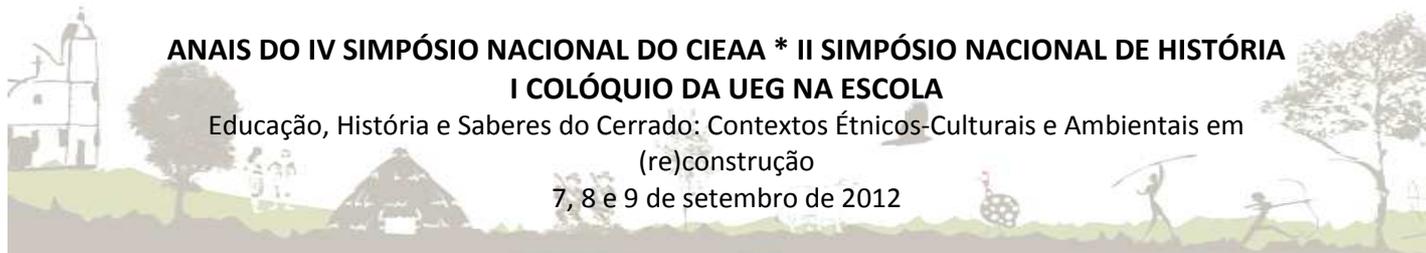
**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade; História dos Conceitos; Historiografia; História de Anápolis.

**INTRODUÇÃO**

Em 31 de julho de 2007, a cidade de Anápolis, localizada no interior do estado de Goiás, comemorava o seu aniversário de cem anos. Como era de se esperar nesse tipo de data, foi organizado um calendário comemorativo. Livros literários, como *Anápolis centenária em prosa e verso*, organizado por Natalina Fernandes; históricos como *100 anos: Anápolis em pesquisa*, organizado pela professora Mirza Seabra Toschi; ou o jornal *O Centenário* editado em 15 volumes pela UniEvangélica, sob a supervisão do historiador Juscelino Polonial, foram algumas das tentativas de resgate da história e memória local. Entre outras atividades que buscavam de alguma maneira preservar a história da cidade, a prefeitura municipal organizou a *Urna do Centenário*, que consistia em uma “cápsula do tempo” enterrada na Praça Abílio Woney (Praça do Ancião), localizada no centro da cidade, que deverá ser aberta em 2057. Na

---

<sup>32</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

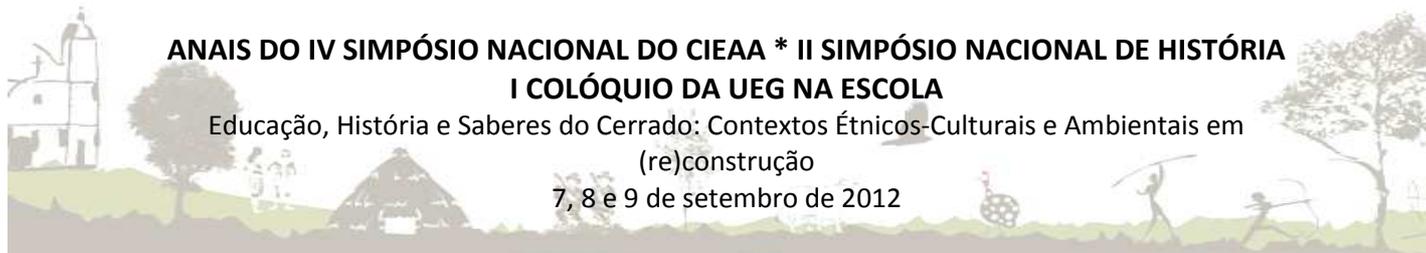
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

urna estão contidas mensagens dos cidadãos anapolinos de 2007 aos futuros moradores da cidade, além de exemplares de jornais locais e livros sobre a região. Esse empreendimento, entretanto, não consistiu em algo novo na história local. “A “Urna do Centenário”, (...) dá continuidade à “Urna do Cinquentenário”, idealizada em 1957 por Francisco Garcez e enterrada na Praça Bom Jesus naquele distante 31 de julho.” (MENEZES, 2007). A *Urna do Cinquentenário* foi enterrada na Praça do Bom Jesus por cidadãos residentes na cidade em 1957 e projetada para ser aberta no aniversário dos cem anos da cidade. A *Urna do Centenário* foi então colocada no local ocupado antes pela *Urna do Cinquentenário*. Esta por sua vez trazia enorme expectativa aos presentes quanto ao conteúdo da mesma. A urna, de 1957, continha bilhetes, mensagens e objetos da Anápolis daquele período, no entanto, “logo após a euforia veio a decepção ao se observar que dois dos três vidros sextavados, que continham mensagens dos anapolinos de 1957 aos seus concidadãos de 2007 estavam quebrados. E por isso, objetos e papéis estavam deteriorados.” (JURY, 2007). Boa parte do material contido na urna não pôde ser “aproveitado”, as condições na qual a urna foi enterrada, muito do material fora perdido. O material contido na urna foi enviado para restauração e encontra-se atualmente no Museu Histórico de Anápolis.

A *Urna do Cinquentenário*, entretanto, não foi o único feito com fim histórico produzido pelos anapolinos do período. Em 1957, ano que se iniciavam as obras para a construção da nova capital federal, jornalistas e personalidades da elite local se esforçaram para editar uma revista em comemoração ao aniversário da cidade. Deste esforço nasceu a revista *A Cinquentenária*, primeira revista projetada e concebida no município, com uma tiragem única de 3200 exemplares, que será nossa fonte de análise nas próximas páginas.

Mas o que de interessante ou “revelador” pode trazer essa revista para o estudo da história local? Bem mais do que deixar relatos sobre os aspectos da cidade em 1957, a revista nos mostra também as expectativas de seus habitantes em relação ao futuro da cidade. É possível, por meio da forma como foi estruturada e organizada a supracitada edição, identificar nuances relativas a própria experiência do tempo vivida por parte da população local do período. Visamos caracterizar aqui, a maneira como a experiência da modernidade, ou expectativa de modernização da cidade, foi percebida e elaborada na concepção da revista, colocando o futuro, por meio da ideia de progresso, como a principal dimensão temporal na organização da experiência do tempo presente nesta publicação.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

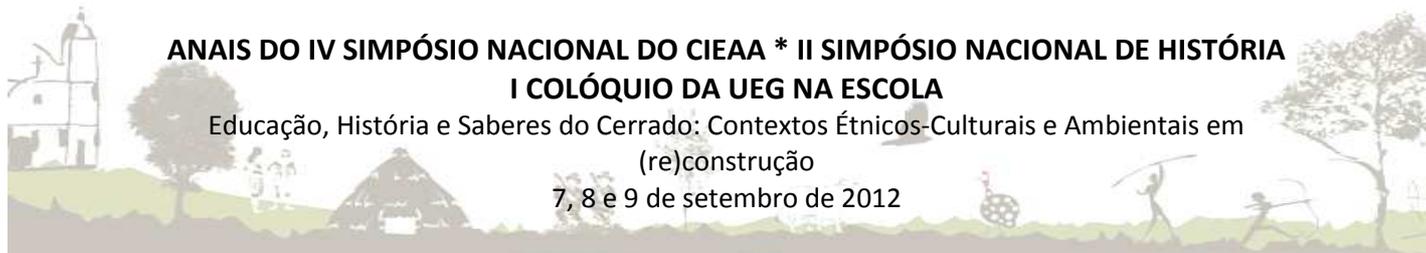
7, 8 e 9 de setembro de 2012

## **EXPERIÊNCIA DO TEMPO E MODERNIDADE PERIFÉRICA: A CHEGADA DO “PROGRESSO” NO SERTÃO**

A experiência do tempo se mostra por uma enorme gama de expressões que buscam representar a relação do ser humano com o espaço a sua volta: antes, depois, agora, futuro, passado, previsão, progresso e muitos outros, procuram situar a existência humana em um ponto determinado e a partir desde dá significado a sua ação no tempo. Organizar e planejar a experiência do tempo é um fator primordial no modo de ser humano. Todavia essa experiência não é fixa, se modifica através da própria ação do tempo e reflete as relações humanas de forma distinta dentro de cada sociedade. Seguindo a tese do historiador Reinhart Koselleck, na qual a modernidade é caracterizada pela importância dada ao futuro e a noção de progresso como fator primordial da organização da experiência do tempo moderna, buscaremos, através da análise uma revista editada na cidade de Anápolis, interior goiano, no ano de 1957, identificar traços dessa forma de se vivencia e representar o tempo na modernidade em regiões que sofreram o impacto da modernização iniciada na Europa “tardamente”. Procuraremos compreender de qual forma o discurso dos “tempos modernos”, afetou o imaginário e a experiência do tempo local, circunscritos nesse caso aos discursos presente na revista *A Cinquentenária*.

Não visamos, no entanto, construir aqui um perfil da modernidade no interior goiano da década de 1950, mas caracterizar, através dos discursos carregados de expectativas da supracitada revista, algumas impressões da modernidade expressas e sintetizadas no conteúdo dos textos e reportagens da publicação supracitada. Construídas mediante uma orientação temporal voltada para o futuro, mas vivida neste caso em um contexto periférico, no qual os conceitos que caracterizam a modernidade são “transportados” para uma realidade diferente da qual tiveram origem.

Para além dos efeitos da modernidade, se faz necessário compreender também o seu processo ou como esta se expandiu pelo ocidente nos últimos séculos. Marshall Berman divide a experiência ou história da modernidade em três fases. A primeira data do século XVI ao final do século XVIII, na qual as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida “moderna”, sem muita noção das consequências causadas por essas mudanças. Na segunda



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

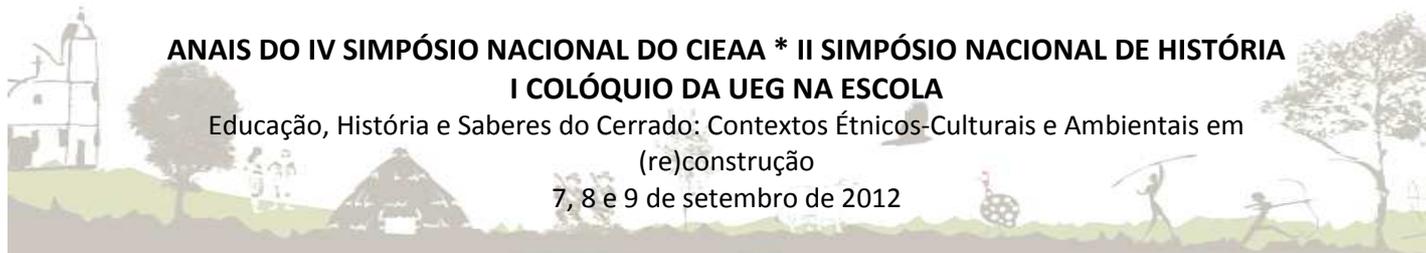
7, 8 e 9 de setembro de 2012

fase, se inicia com a Revolução Francesa e com a consequente onda de revoluções pós 1790 e se estende pelo século XIX. Neste período emerge uma contradição, de um lado surge um grande público adepto das mudanças ocorridas nas esferas políticas e científicas, do outro, o mundo não é moderno por inteiro dando a “sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização” (BERMAN, 1986, p. 15). A terceira parte ocorre no século XX, no qual “o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento.” (*Idem*: 15-6).

Para Berman, no entanto, “a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas” (*Idem*: 16), a expansão da modernidade se transformou em um processo confuso e de múltiplas linguagens, difíceis de ser definidas. Esse processo apesar das críticas relativas ao vazio de seu conteúdo moral abriu também uma abundância de possibilidades, o futuro de certa forma estava aberto ao ser humano.

Esse processo de modernização ressaltado por Berman agiu de maneiras diferentes nos diversos locais no qual se alastrou. O processo de modernização europeu se tornou um modelo a ser seguido por outros países, principalmente no diz respeito as antigas colônias europeias no Novo Mundo. O processo ocorrido nas regiões europeias em fase de industrialização causaram mudanças naquele ambiente e podemos perceber a forma que “autores como Marx e Baudelaire se esforçaram para apreender o processo da história universal tentando dar significado as mudanças ocorridas no ambiente social do século XIX em cidades que se modernizavam na Europa” (*Idem*: 169). Esse processo apresentou uma outra face no século seguinte, principalmente em regiões subdesenvolvidas, que passaram a sofrer a pressão da crescente expansão do mercado mundial, nesses locais “os significados da modernidade teriam de ser mais complexos, paradoxais e indefinidos” (*Idem*: 169).

O advento da modernidade representou no campo historiográfico profundas mudanças. A dissolução da história enquanto mestre da vida, que via no passado exemplos a serem apreendidos pelas novas gerações, foi profundamente marcada pela ideia de progresso, tanto moral quanto material, por meio da ação humana, caracterizada por uma “aceleração do



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

tempo” – exemplificado não só pela ideia de progresso, mas pelas filosofias da história – no qual o futuro predomina sobre o passado, ou seja, é a partir deste que se orientava as ações tomadas no presente. Estes fatores podem ser percebidos na Europa, conforme ressaltamos em Bermann, em um primeiro momento, na segunda metade do século XVI, tanto na intensificação de conflitos político-religiosos, como foi o caso das Guerras Religiosas de 1562-1598, quanto no “problema geral de como encarar intelectualmente o Novo Mundo.” (HARTOG, 1996, p. 07). Este processo de aceleração do tempo consolidou-se, simbolicamente, em 1792 com a Revolução Francesa que se tornou marco de um novo horizonte político e com isso uma nova noção de temporalidade que se materializava. “A aceleração do tempo histórico transformou a experiência social e política e também antigos campos de significação.” (KIRSCHNER, 2007: 53).

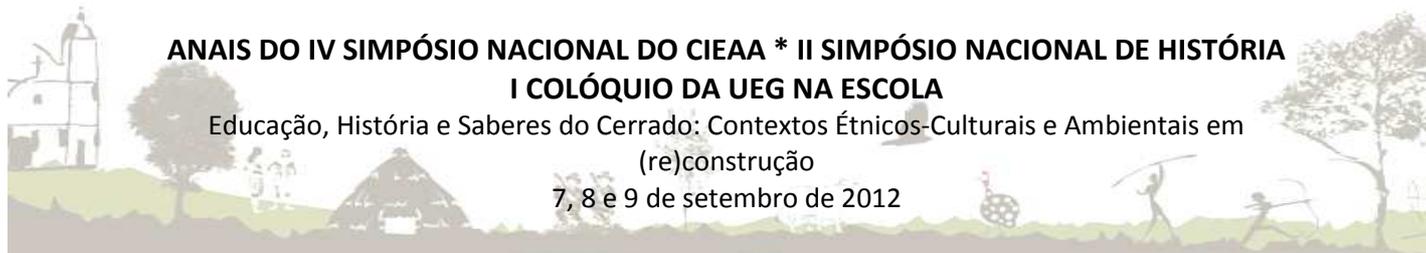
Sob esta perspectiva, a História dos Conceitos mostra-se extremamente rica na análise da experiência da modernidade em regiões que sofreram esse processo de uma forma tão distinta da Europa, como é o caso do interior goiano. “Seu programa de investigação pretende ser uma contribuição a teoria da modernização e oferecer um repertório de critérios de demarcação da modernidade em termos da experiência do tempo novo não isenta de implicações filosófico-políticas e acadêmicas.” (ONCINA, 2003, p. 14).

**REVISTA A CINQUENTENÁRIA: “LEMBRANÇAS AO ANAPOLINOS DE AMANHÃ”**



Equipe do Jornal O Anápolis que foi responsável pela revista A Cinquentenária – 1957.

A revista *A Cinquentenária* foi a primeira revista editada na cidade de Anápolis, em comemoração ao aniversário de cinquenta anos do município. Idealizada por Celso Edmar Gomes e Waldemar Epaminondas Pereira, “o intuito desses modestos anapolinos era presentear a cidade, pelos seus cinquenta anos, com a publicação condigna, que representasse tudo que Anápolis possui.” (*A Cinquentenária*, 1957, p. 03). Para além desse alvo evidente – os seus leitores contemporâneos – haviam outras motivações por trás dessa obra, demonstrada pela preocupação de seus editores de retratar até mesmo a oficina gráfica na qual foi concebida a revista: “com o objetivo de mostrar aos que nos lerem daqui a cinquenta anos, estamos mostrando como e onde confeccionamos a presente revista, que tem finalidade histórica.” (*A Cinquentenária*, 1957, p. 90). A revista, segundo seus próprios idealizadores,



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

tinha uma função histórica, voltada não só para a sua própria época, mas também para os futuros habitantes da cidade. Segundo figura nas páginas da revista: “fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, para deixar esta lembrança aos anapolinos de amanhã.” (*A Cinquentenária*, 1957, p. 03). Na concepção dos indivíduos responsáveis pelo projeto da revista, não se tratava apenas de uma edição comemorativa, mas de uma “lembrança para o futuro”, o tempo presente era percebido como um momento de passagem, e o passado pouco a pouco era esquecido, para que o progresso (termo que figura em praticamente todas as páginas da revista) da cidade se realizasse em um futuro cada vez mais próximo.

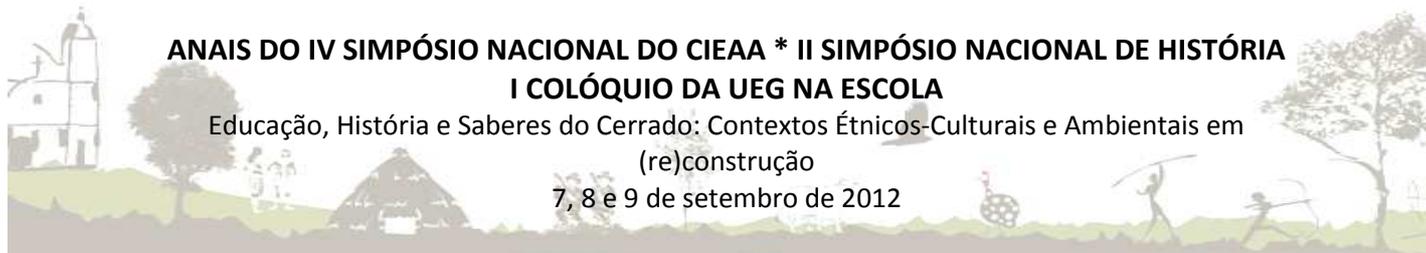
Além do aniversário da cidade, outro fato pode ser apontado como influência para todo o otimismo em relação ao futuro retrado na revista. O início das obras de construção da nova capital federal, fator de expectativa em todo o território goiano, e principalmente em Anápolis, ponto final da Estrada de Ferro Goyás, local no qual desembarcavam pessoas e materiais com destino à Brasília.

Com o grande movimento que vem sacudindo o país com a transferência da capital da República para o Planalto Central, Anápolis, pela sua situação privilegiada, tornou-se uma espécie de passagem obrigatória de todos aqueles que se dirigem a Brasília. (*A Cinquentenária*, 1957, p. 56).

As obras de construção de Brasília mudaram a dinâmica social e econômica da cidade, que não sofria semelhante experiência desde a inauguração da citada ferrovia em 1935, que deu forte impulso ao comércio local. As expectativas geradas pela construção de Brasília são facilmente encontradas na revista, a nova capital federal era concebida, o que não pode ser negado, como a responsável por lançar o nome de Anápolis nacionalmente:

Como não podia deixar de ser, o nome de Anápolis foi sendo pronunciado de boca em boca por este Brasil afora, sendo hoje cidade popularíssima em todos os quadrantes da pátria, pois, quem cita a futura capital vai logo dizendo que a cidade mais próxima é Anápolis. (*Idem*, p. 56).

Vale ressaltar que o clima de dinamismo e desenvolvimento da cidade relatado nas páginas da revista eram frutos mais de uma expectativa relativa ao possível desenvolvimento da cidade que uma experiência propriamente dita provocada pela modernização. Anápolis



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

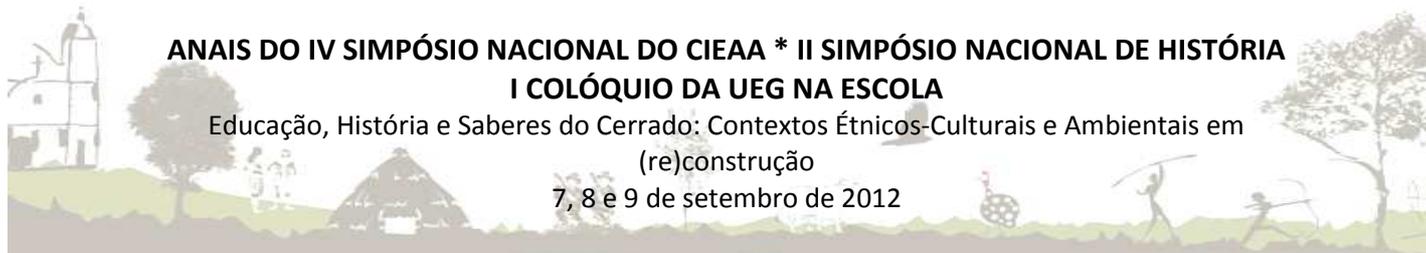
experimentou um desenvolvimento no campo econômico significativo pela primeira vez na década de 1930, com a chegada da ferrovia no município.

Entre 1870 e 1935, a região do município de Anápolis sofreu profundas mudanças. As poucas moradias existentes, habitadas por escassa população, deram lugar a uma aglomeração humana mais completa. As casas foram reformadas com as construções de alvenaria e a cidade ganhava feições urbanas mais definidas. (...) A ampliação do mercado interno nacional e o prolongamento dos trilhos da estrada de ferro tiveram papel decisivo nessas mudanças. (POLONIAL, 2011, p. 47).

Na década de 1950 a ferrovia entrou em decadência e não era mais capaz de exercer de forma satisfatória a sua função de transportadora de mercadorias. “A ferrovia, responsável pelo grande surto desenvolvimentista da cidade, torna-se um obstáculo. O automóvel passava a ser o meio de transporte preferencial e moderno, enquanto a ferrovia, agora, representava o atraso.” (*Idem*: 74). Era preciso novas formas de investimento que viabilizasse o desenvolvimento local. A construção da nova capital federal no Planalto Central trouxe assim esperança e novas possibilidades, tanto econômicas quanto políticas, para a região Centro-Oeste e com Anápolis não foi diferente. Em entrevista ao Jornal *O Centenário*, e 2007, Raul José dos Santos, diretor e redator em 1957 da revista *A Cinqüetenária*, lembra como era o clima na cidade no período:

O movimento era pululante por causa da nova capital. Esperança renovada. Tinha gente que achava que faria fortuna com Brasília. Era uma vida interessante, gente de todo lado, isso porque Anápolis estava entre duas capitais. Nessa época, começaram a chegar os caminhões grandes na cidade. As terras e as casas valorizavam e havia um crescimento do número de bairros. Mas isso gerou um problema, a Prefeitura não conseguia acompanhar esse desenvolvimento e isso causou uma crise administrativa. (Jornal *O Centenário*, 06-2007, p. 60).

O aniversário de 50 anos da cidade de Anápolis veio a empregar um clima ainda mais otimista em relação ao futuro do município. Todo esse “otimismo”, envolto muitas vezes em um tom ufanista, tem como base um discurso pautado na ideia de modernidade, exemplificado por meios de conceitos fundamentais para compreendermos a forma como foi construída a



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

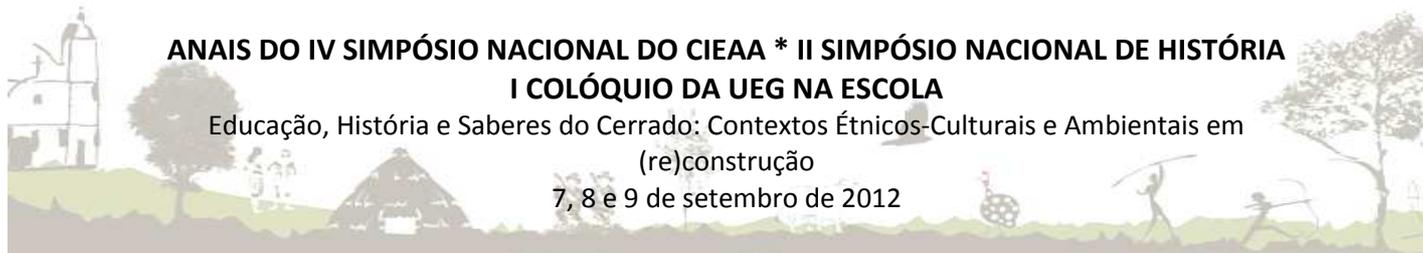
ideia de um futuro promissor para o município, ainda que este não passasse de uma cidade ainda tipicamente interiorana. No caso de Anápolis, apesar das mudanças que o município já experimentava desde a década de 1930, a modernidade instaurou-se primeiramente na ordem do discurso, antes mesmo da cidade sofrer e experimentar os efeitos da modernidade de forma concreta no que se refere as relações sociais.

Os jornalistas e políticos locais apropriaram-se de conceitos característicos da modernidade para elaborar um discurso pautado na ideia de futuro, na perspectiva que com a modernização da cidade – chegada do progresso – os problemas sociais locais teriam uma solução. Podemos identificar no discurso de *A Cinquentenária*, um certo otimismo ingênuo em relação ao desenvolvimento da cidade.

Podemos perceber isso por meio do uso de um dos conceitos mais caros à modernidade: *progresso*. A própria revista deixa claro: “*O objetivo desta revista, que é focalizar em suas páginas tudo o que interessa de perto à vida e ao progresso da cidade de Anápolis*” (*A Cinquentenária*, 1957, p. 32). No dicionário *Aurélio* esse termo vem caracterizado de três formas: “*1. Ato e ou efeito de progredir; progressão. 2. Marcha para a frente. 3. O conjunto das mudanças havidas no curso do tempo.*” (FERREIRA, 2000, p. 560). Ao consultarmos o *Dicionário Político I* de Norberto Bobbio encontramos como uma das definições:

A idéia de Progresso pode ser definida como idéia de que o curso das coisas, especialmente da civilização, conta desde o início com um gradual crescimento do bem-estar ou da felicidade, com uma melhora do indivíduo e da humanidade, constituindo um movimento em direção a um objetivo desejável. (BENETTI, 1998, p. 1009).

Ambas as definições seguem a ideia de algo que se movimenta e se realiza(rá) no tempo, um objetivo a ser alcançado mediante uma “evolução” temporal. Para Koselleck, “O ‘progresso’ é o primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu, em conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa.” (KOSELLECK, 2007, p. 320). No caso da forma como o conceito de progresso foi utilizado na *A Cinquentenária* as definições acima citadas culminam por também mostrarem-se coincidentes, mas com algumas peculiaridades. O conceito de progresso utilizado na revista apresenta-se em alguns pontos ligado a uma ideia espaço. As mudanças ocorridas na cidade não eram apenas um demonstrativo do



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

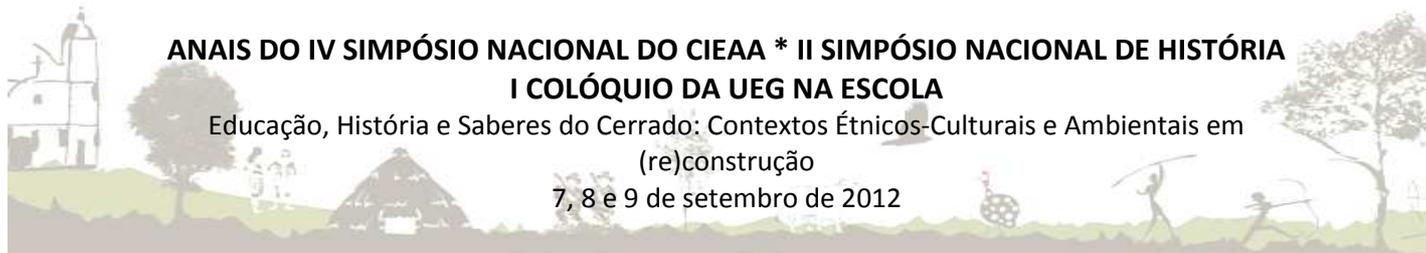
desenvolvimento local, ocorriam justamente por que ali era um lugar no qual o *progresso* estava instaurado: “(...) *dado o grande prestígio que Anápolis goza como centro de trabalho e progresso*” (A Cinqüentenária, 1957, p. 05); “(...) *do homem que desde os primórdios do povoamento interiorano desta Nação representa a alavanca que move o nosso progresso*” (Idem, p. 07).

O termo também é empregado de forma *individualizada* para os diversos setores da sociedade, cada um apresentando níveis distintos de *progresso*. De modo que, apesar de está em “todas as partes” ou “*em todas as partes e em todos os setores, o progresso se manifesta, exuberantemente*” (Idem, p. 57), alguns setores se mostravam mais desenvolvidos que outros no que concerne ao avanço desse *progresso*. A máquina administrativa, por exemplo, encontrava-se em atraso em relação ao desenvolvimento econômico: “*No entanto, a cidade atravessa uma fase de rápido desenvolvimento, muito acima do progresso e das possibilidades da máquina administrativa.*” (Idem, p.15). Dessa forma, o *progresso* do setor econômico era maior do que a administração pública podia acompanhar: “*O administrador, assim, luta com tôdas as fôrças, mas, o progresso é maior do que as possibilidades da administração em acompanhá-lo.*” (Idem, p. 15). O próprio prefeito municipal afirmou em discurso pronunciado nos festejos do cinquentenário da cidade: “O Poder Público, valentemente coadjuvado pelo esforço dos particulares, instalou escolas, onde a mocidade adquire e aperfeiçoa conhecimentos, para melhor enfrentar os problemas da vida.” (FERREIRA, 2011, p. 95). Nem mesmo um dos antigos símbolos do *progresso* local, como foi a Estrada de Ferro Goiás nas décadas de 1930 e 1940, conseguia mais “acompanhar” o desenvolvimento comercial:

O comércio atual serve-se mais do transporte rodoviário, muito desenvolvido em nosso meio, devido ao estado precário da Estrada de Ferro Goiás, que de um tempo pra cá não tem acompanhado o ritmo do progresso do Estado de Goiás. (A Cinqüentenária, 1957, p. 27).

Outro setor que acompanhava a “marcha progressista” local era a medicina, descrita nas páginas da revista de uma forma um tanto quanto exagerada:

Quem (...) comparar o que é hoje a Medicina nesta Anápolis cinqüentenária com o que ela foi no início, (...) verá que foi bem grande o ascensional por



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

ela percorrido em pouco mais de três décadas, acompanhando de perto o prodigioso e acelerado progresso que vem sacudindo Anápolis em todos os setores das suas atividades. Progresso tão vivo, tão incessante e tão infatigável que faz desta cidade com apenas 50 anos de existência, um milagre construído pela tenacidade, pela fibra e pelo esforço dos seus filhos e de todos que aqui se fixaram trazendo a contribuição de seu trabalho honesto e do amor à privilegiada terra de Sant'Anna. (Idem, p. 49).

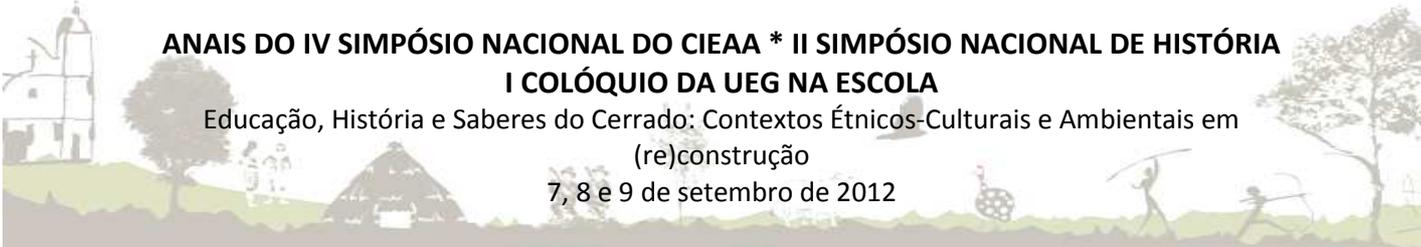
Todo esse dinamismo relatado na revista, independente dos exageros de opinião, tinham um alvo certo a ser atingido: o *futuro*. Apesar de ser entendido como o por vir, algo eu ainda não é, o conceito de futuro, inúmeras vezes, também é utilizado de forma “especializada” ou como uma característica do presente: *Goiás é, portanto, sob todos os ângulos que é olhado, o Estado do futuro.* (Idem, p. 35). “(...) podemos afirmar que está reservado um grande futuro para Anápolis.” (Idem, p. 28). O *futuro* é retratado, então, como um objetivo a ser alcançado, de modo que chega, sob alguns aspectos, a sobrepujar o presente:

Com os olhos fitos no ideal de futuro, ocupamo-nos com os deveres do presente, que nos roubam a atenção sobre as coisas do passado. De vez em quando é que, na quietude, fazemos confrontos, que nos deixam surpresos com as transformações operadas, de ontem para hoje, no mundo em que vivemos. (Idem, p. 23).

O *futuro* também não deixou de ser imaginado dentro das publicações da revista. Ao descreverem a oficina gráfica na qual foi impressa a revista, seus idealizados não deixaram de imaginar como seriam as gráficas do *futuro*:

É bem possível que o centenário de Anápolis seja focalizado numa revista impressa em rotativas gigantescas, movidas pela força do átomo, com métodos gráficos também atomizados, com logotipos exquisites, de espantosa produção, estampada em fibra que não seja papel... (Idem, p. 91).

Nem mesmo a cidade escapou a uma tentativa de previsão de seu *futuro*, que como na previsão acima citada, estava intimamente vinculada à ideia de modernização e desenvolvimento tecnológico:



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

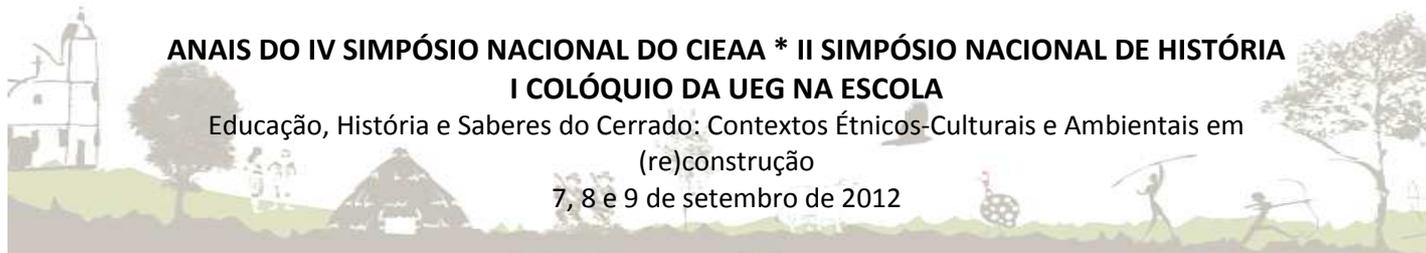
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Os anapolinos do futuro, por certo, serão milhões. Grandes jornais, grandes revistas, com monumentais oficinas, montadas em gigantescos edifícios, iluminados com a energia do átomo, farão por certo uma extraordinária festa para comemorar o centenário de Anápolis, com aparelhos de velocidade super-sônica cortando os céus citadinos. Veículos atômicos e objetos estranhos circulando por ruas e calçadas com pisos plásticos, impressadas entre arranha-céus que atingirão as nuvens... (Idem, p. 106).

Podemos notar nesses trechos o quanto a ideia de progresso estava presente na concepção de uma experiência do tempo voltada para o futuro. O presente era percebido apenas como um ponto de passagem, pois seria no futuro que a cidade de Anápolis atingiria o seu ápice. As mudanças que a cidade vinha sofrendo nos últimos anos era usado/entendido como prova da presença do progresso, que instaurado na cidade, a alavancaria para um universo tecnológico e promissor. O conceito de progresso é usado ligado muitas vezes a ideia de predestinação, contribuindo para a formação de uma concepção temporal na qual os momentos de crise ou declínio registrados no decorrer de sua trajetória, serviram apenas para demonstrar o quanto a cidade, ou seu povo empenhado e trabalhador, superou cada uma dessas adversidades para lançar-se como uma das mais importantes cidades do estado de Goiás e também do interior do Brasil.

Como já havíamos ressaltado, *A Cinquentenária* tinha não só o objetivo de fazer um apanhado do que havia na cidade, mas também um fim histórico. Sendo assim, não poderia deixar que constar na revista um texto referente a história da cidade. O texto intitulado *Subsídios à história de Anápolis*, colocado por seus editores como “a parte mais importante desta publicação, que estamos legando aos pósteres” (Idem, p. 04), foi confiada a João Luiz de Oliveira, prefeito por duas ocasiões no município (1930-1934 e 1953-1955).

A História, na concepção do autor, deveria exaltar as grandezas locais e as potencialidades – neste caso, econômicas – da cidade. A função da História seria o de registrar os feitos locais e de seus grandes homens com o intuito de demonstrar o quanto ainda se poderia angariar na cidade. Neste texto também se nota uma tentativa de se unir a história local a uma história de caráter universal, estabelecendo um vínculo de continuidade entre o “pioneirismo bandeirante” e os investidores ou homens de negócio daquele período, como demonstra o trecho a seguir:



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

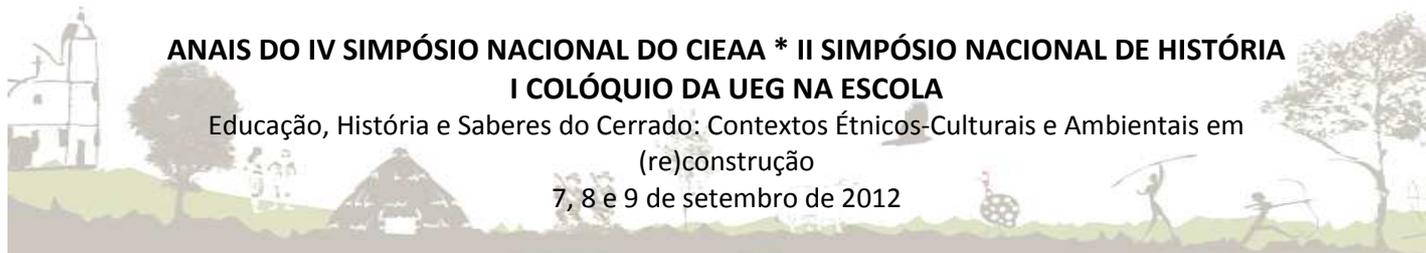
Hoje, os pioneiros, continuadores dos homens das bandeiras, dotados de conhecimentos especializados, e tendo as facilidades proporcionadas pelas conquistas do século XX, também abrem estradas – ferrovias e rodovias – utilizando-se de máquinas apropriadas, e não se contentando com os meios terrestres de locomoção, cruzam o céu, em tôdas as direções, em aviões modernos. E constroem cidades, de um dia para outro ou da noite para o dia, cultivam a terra, dedicam-se à indústria e ao comércio, às profissões liberais, e a outras atividades. E em tôda parte e em todos os setores o progresso se manifesta, exuberantemente. (OLIVEIRA, 1957: 57)

Mais uma vez, embora o texto trate do passado do município, a ideia de progresso é exaltada, estabelecendo desta vez um vínculo entre o passado, o presente e o futuro no qual o fluxo temporal é entendido como um processo evolutivo, guiado pela perspectiva na qual as mudanças ocorrerão em um ritmo cada vez mais acelerado.

## **PARA CONCLUIR**

Conforme ressaltavam os editores da revista, esta visava deixar para os futuros habitantes da cidade uma lembrança do que era a cidade naquele momento. A história da cidade e os seus aspectos urbanos, políticos e econômicos foram relatos não para os seus contemporâneos, mas para os futuros habitantes da cidade. *A Cinquentenária* tinha por objetivo ser uma “lembrança para os anapolinos de amanhã” (*A Cinquentenária*, 1957, p. 03), as páginas da revista expressão uma ideia de que o passado, e junto com ele o presente, seriam rapidamente esquecidos, disso resulta o esforço de fazer um levantamento de “tudo que Anápolis tinha” no período para os habitantes do “futuro” pudessem conhecer o seu passado. A ideia de “preservar” o passado demonstra o quanto, aos menos os responsáveis pela edição da revista, acreditavam que as mudanças que ocorreriam no futuro levaria tudo a ser completamente diferente do que era até então.

Essa perspectiva adotada na revista pode ser apontada como um traço fundamental da consciência histórica moderna. Esta parte de uma universalidade refletida, de uma consciência do mundo histórico, que situou o homem moderno em uma posição reflexiva perante a tradição e ao que ela nos transmite. Podemos afirmar que com a modernidade perdemos a “ingenuidade” que havia em outras tradições a respeito do passado, uma espécie de



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

desencantamento do mundo. A história já não mais nos tem algo a ensinar, passamos a enxergar o passado com desconfiança e depositar nossos interesses no futuro. (KOSELLECK, 2006).

## **REFERÊNCIAS**

BENETTI, S. T. “Progresso”. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Tradução de João Ferreira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BERMAN, Marshall. “Petersburgo: o modernismo do subdesenvolvimento” In: *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriati. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Haydée Jayme. *Anápolis: sua vida, seu povo*. Goiânia: Editora Kelps, 2011.

HARTOG, François. “Regime de Historicidade” [Time, History and the b writing of History - KVHAA Konferenser 37: 95-113 Stockholm 1996].

Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>

JORNAL O Centenário. Anápolis-GO, Nº 15, Junho de 2007.

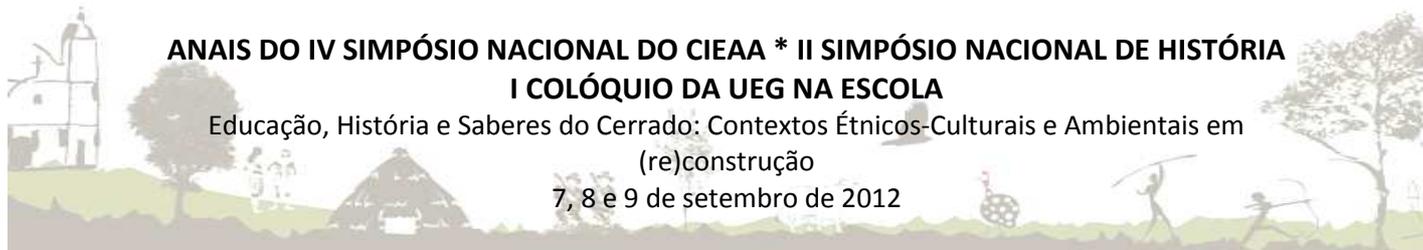
JURY, Leticia. *Da emoção à frustração*. Jornal Estado de Goiás, 03-08-2007. [http://www.jornalestadodegoias.com.br/noticias\\_detalle.php?id\\_noticia=709&&id\\_editoria=4](http://www.jornalestadodegoias.com.br/noticias_detalle.php?id_noticia=709&&id_editoria=4)

KIRSCHINER, T. C. “A reflexão conceitual na prática historiográfica.” In: *Textos de História*, vol. 15, nº 1/2, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

MENENZES, Walter. *Bom dia, Anápolis – até 2057*. Jornal da Imprensa, 28-07-2007. <http://www.jornaldaimprensa.com.br/Editorias/6123/undefined>.

OLIVEIRA, João Luiz. *Subsídios à história de Anápolis*. In: *Revista A Cinquientenária*, edição única em comemoração do jubileu da cidade de Anápolis, 1957.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

ONCINA, Faustino. “La modernidade verociferina y el conjuro de la secularización”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Aceleración, prognosis y secularización*. Traducion de Faustino Ocina Coves. Valencia: Pré-textos, 2003.

POLONIAL, J. M. *Ensaaios sobre a História de Anápolis*. Goiânia: Editora Kelps, 2011.

REVISTA *A Cinqüentenária* - Edição única em comemoração ao jubileu da cidade de Anápolis, 1957.

TOSCHI, M. S. (org). *100 anos: Anápolis em pesquisa*. Anápolis: [s. n.], Goiânia: Editora Vieira, 2007.